

O MUNDO DOS HOMENS DO SÉCULO XIX: UM ANÁLISE DAS MASCULINIDADES EM *AMOR DE PERDIÇÃO*, DE CAMILO CASTELO BRANCO

THE XIX CENTURY MAN'S WORLD: A STUDY OF MASCULINITIES IN CAMILO CASTELO BRANCO'S, *AMOR DE PERDIÇÃO*

Dora Grisel Aranda⁷⁴

RESUMO: *Amor de Perdição* (1862) de Camilo Castelo Branco é uma apresentação ficcional romantizada da sociedade em Portugal no século XIX. Neste trabalho se pretende fazer uma análise dos personagens, individualmente, e em relação ao personagem masculino principal, Simão. Se utilizaram várias das teorias dos estudos da masculinidade de sociólogos e também de críticos literários incluindo Frank Henderson Stewart, Michael Kimmel, e George L. Mosse. Se argumenta que devido a aderência imutável dos personagens masculinos às normas da masculinidade hegemónica portuguesa do século XIX, o amor de Simão e Teresa está destinado a uma desgraça desde o início.

PALAVRAS CHAVE: estudos da masculinidade; honra; masculinidade hegemónica; Camilo Castelo Branco; século XIX

ABSTRACT: Camilo Castelo Branco's *Amor de Perdição* (1862) is a romanticized fictional representation of nineteenth century Portuguese society. This study analyzes the characters, both individually and in relation to Simão. Various theories relating to masculinity and literary criticism will be used including those of Frank Henderson Stewart, Michael Kimmel, and George L. Mosse. It is argued that due to the masculine character's stubborn adherence to the Portuguese hegemonic masculinity norms of the nineteenth century, Simão and Teresa's love was doomed from the beginning.

KEY WORDS: masculinities studies; honor; hegemonic masculinity; Camilo Castelo Branco; 19th century

⁷⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Espanhol e Português da Texas Tech University. Mestre em Espanhol pela University of the Permian Basin. E-mail: dora.g.aranda@ttu.edu

1. INTRODUÇÃO

Amor de Perdição (1862) de Camilo Castelo Branco é uma apresentação ficcional romantizada da sociedade em Portugal no século XIX. Neste trabalho se pretende fazer uma análise dos personagens, individualmente, e em relação ao personagem masculino principal, Simão. Se utilizaram várias das teorias dos estudos da masculinidade de sociólogos e também de críticos literários incluindo Frank Henderson Stewart, Michael Kimmel, e George L. Mosse. Se argumenta que devido a aderência imutável dos personagens masculinos às normas da masculinidade hegemônica portuguesa do século XIX, o amor de Simão e Teresa está destinado a uma desgraça desde o início.

No romance, Simão de Botelho e Teresa de Albuquerque são dois adolescentes vizinhos de famílias rivais que se apaixonam pela janela. Quando os pais descobrem, previsivelmente ficam contra essa relação. O extraordinário deste relato é que os dois homens (os pais) tomam passos quase exagerados, pois cada um quer “fazer o melhor seu filhos”. Porém, na verdade, destroem as vidas de seus filhos pelo egoísmo, para manter seu poder, para não mostrar fraqueza, para manter sua honra e para que a reputação da família não seja marcada. Fazem tudo isto sem levar em conta a vida e a felicidade de Simão e Teresa. O que eles queriam fazer era somente casar-se, uma coisa consideravelmente razoável naquela época e sociedade, já que estavam apaixonados e socialmente suas famílias estavam no mesmo estrato socioeconômico, o único problema era que seus pais se odiavam. Então era um ato impossível. No entanto, eles não eram os únicos em fadar a destruição dessa relação, já que Simão seguia a mesma obstinação ao guardar-se as especificações da masculinidade hegemônica.

Como acredita o crítico José Carlos Barcellos, é um paradoxo que a novela Camiliana tenha uma reputação de não ter “penetração analítica” nem

“concentração temática” quando obviamente o livro “converte-se num índice da profundidade da questão da configuração de um novo ideal de masculinidade na cultura do século XIX” (2009, p. 57). A maneira na qual as masculinidades mediam-se (e ainda acontece) em Portugal dependia muito na proximidade que lograva ter um homem à masculinidade hegemônica. De acordo com Miguel Vale de Almeida, em *The Hegemonic Male: Masculinity in a Portuguese Town*, “Hegemonic masculinity is an ideal central model which, unattainable by practically any single man, exerts over all men a controlling effect, through embodiment, ritualization of practices of everyday sociability and a discursiveness that excludes a whole emotional field considered as feminine” (1996, p. 5). Basicamente, a masculinidade hegemônica é uma construção cultural que incorpora todos os ideais do que é um homem perfeito, fazendo assim um modelo impossível de obter, já que esse super-homem não pode existir. Este ideal também vai conforme as ideias de George L. Mosse com respeito ao século XIX

Moreover, the new sciences of the eighteenth and nineteenth centuries in their passion for classification sought to analyze men in groups rather than as individuals. Stereotyping meant giving to each man all the attributes of the group to which he was said to belong. All men were supposed to conform to an ideal masculinity. (MOSSE, 1996, p. 6)

Como afirma Mosse, os homens do século XIX, por pertencer a sociedade masculina de classe alta portuguesa, automaticamente tinham a obrigação ou sentiam a pressão de uma expectativa externa para encaixar no estereótipo desse tipo de homem. Então pode ver-se que este tipo de perspectiva da masculinidade era prevalente em Portugal e no século XIX.

2. A TEORIA DA HONRA

Tomando em mente os ideais da masculinidade do século XIX, um dos temas mais recorrentes no romance, e a causa da desgraça mais grave, é a inabilidade dos homens de romper com sua obrigação de cumprimento para manter a honra. Neste análise se utiliza a honra no sentido ligado à reputação social masculina, que fez com que um homem fosse corajoso, levando uma boa conduta e ficando bem visto com ele mesmo e com a sociedade.

A honra pessoal pode dividir-se em duas categorias: a honra vertical e a honra horizontal. A honra vertical (*vertical honor*) é a honra relacionada a categorias, como uma escada social onde cada homem tem sua posição relacionada à habilidade, grupo social, serviço, ofício, etc., (HENDERSON, 1994, p. 59). A honra horizontal é um tipo de respeitabilidade pessoal que está ligada ao privilégio de pertencer a um *honor group*, onde de acordo com Frank Henderson Stewart, encontram-se pessoas do mesmo nível social que seguem o mesmo código da honra. Este código horizontal pessoal é aquele que

First, that the right [to belong] is one that can be lost, and second, that in order to retain it one must follow certain rules, or maintain certain standards, referred to as the code of honor. If the penalty for breaking the rules is not loss of honor, then the rules do not constitute a code of honor. (HENDERSON, 1994, p. 54)

Outra maneira de ver o mesmo pensamento é como define James Bowman, em *Honor: A History*. Ele diz que a honra horizontal, ou o que ele chama de *honor group*, pode ver-se “at its simplest, honor is the good opinion of the people who matter to us, and who matter because we regard them as a society of equals who have the power to judge our behavior” (2006, p. 4). E há outra honra horizontal, a que Bowman refere-se como *Reflexive honor*, sendo “nearly inseparable from the human condition, and it is certainly engaged wherever there is fighting, which is nearly everywhere” (2006, p. 6). Ele enfatiza

que estes dois tipos da honra são diferentes do *cultural honor* que tem a ver com com a honra dos homens gentis vitorianos, os quais geralmente se associam com as tradições, histórias, e pensamentos dessa sociedade. De acordo com Henderson Stewart, o *reflexive honor*, é um tipo da honra horizontal que acontece quando um homem injuria o honra doutro homem, então o primeiro tem que responder ou ficar como covarde (1994, p. 64).

Para clarificar, se analisará neste trabalho como os personagens fincam-se no modelo da masculinidade hegemónica e como influem os diferentes tipos da honra mencionados (*vertical honor, horizontal honor/honor group, e reflexive honor*) para assertar que a relação de Simão e Teresa chegue à “perdição”. Então, a maneira na qual se abordarão estes temas, será precisamente por meio da sociedade. Serão vistas várias facetas distintas da vida de Simão e como é que ele reage a cada uma, assim como os personagens masculinos com maior influência com respeito aos temas da masculinidade.

3. SIMÃO BOTELHO ANTES DE APAIXONAR-SE

No início do romance, Simão pertence a um *honor group* onde seus contemporâneos são rapazes rebeldes tentando aproximar-se à masculinidade hegemónica de sua idade, resultando numa rebeldia. Antes de conhecer Teresa, o rapaz de quinze anos era muito violento. Exibe-se na carta que seu irmão, e ao mesmo tempo companheiro de quarto em Viseu, escreveu para seu pai queixando-se que não podia viver com ele porque estava “temeroso do génio sanguinário dele. Conta que a cada passo se vê ameaçado na vida, porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite as ruas insultando os habitantes e provocando-os à luta com assuadas” (BRANCO, 1876, p. 30).

Nesta etapa de sua vida, Simão está tentando assemelhar-se aos outros rapazes e acertar sua virilidade através da violência. É uma forma de pertencer

ao *honor group*. E ainda que seu irmão desaprove, seu pai mostra-se muito contente e “admira a bravura de seu filho Simão, e diz à consternada mãe que o rapaz é a figura e o génio de seu bisavô Paulo Botelho Correia, o mais valente fidalgo que dera Trás-os-Montes” (p. 30). Então, nesta fase de sua vida, Simão é aceito pelo homem mais importante de sua família, quem também tem influencias como corregedor em Viseu, e é comparado a um antepassado, basicamente dizendo que é normal que seja tão violento.

Mas como diz Stewart, se as regras se quebram e não se perde a honra, então não formam parte no código da honra. Domingos segue uma criação muito subjetiva com seu filho, mais enfocada na percepção social do que seria o melhor para o rapaz. Simão, sendo estudante na academia e ao mesmo tempo um adolescente indomável, teve um incidente quebrando cabeças e cântaros, onde teve um tipo de imunidade à justiça porque seu pai era o corregedor de Viseu. Aqui mostra-se a primeira instância da força governamental que exerce Domingos Botelho contra seu filho. Não permite que ele seja privilegiado por sua posição, e até persegue seu filho. Domingos não dá auxílio ao jovem porque é mais importante manter sua posição de *vertical honor*, com respeito ao seu trabalho, do que socorrer a Simão. Todavia, a voz narrativa toma consciência de aclarar que mesmo que Domingos estivesse atuando como um patriarca e servente público rígido, na verdade “fingiu-se zangado” (p. 14) ao saber que sua mulher enviou dinheiro à Simão para que esperasse o perdão de seu pai em Coimbra. Além disso, “prometeu fazê-lo capturar em Coimbra” (p. 14), coisa que logrou depois de alguns discursos revolucionários que deu Simão. O jovem esteve na prisão por seis meses, até que saiu pelas influências dos amigos de seu pai e dos parentes de sua mãe. Então, é importante notar que, agora, Simão tem uma reputação de ser desastroso e violento. Durante todo o romance pode-se notar que Domingos está mais interessado em manter sua honra, seu lugar como homem na sociedade do que apoiar seu filho. Para ele é mais importante manter-se na classe alta do que ser um bom pai.

É assim como perder o ano académico, Simão muda-se de Coimbra para Viseu, e com essa transição também a mudança de *honor group*. Já que os *honor groups* são os mesmos que a honra horizontal, Simão não teve problemas em transferir-se no mesmo nível, sem se importar que seja outra cidade, voltou a ser o filho de antes

Se em Coimbra, Simão busca a companhia dos “mais famosos perturbadores da Academia”, em Viseu, confraterniza com a plebe, comprovando-se, uma vez mais, a relativa facilidade de trânsito entre as várias camadas da sociedade, que a masculinidade assegura (BARCELLOS, 2009, p. 64).

Então, Simão estando de volta na casa de seus pais, se acalma, e ainda o narrador diz que “no espaço de três meses fez-se maravilhosa mudança nos costumes de Simão. As companhias da ralé desprezou-as. Saía de casa raras vezes, [...] Em casa encerrava-se no seu quarto, e saía quando o chamavam para a mesa” (BRANCO, 1876, p. 37). E aos cinco meses, puderam falar novamente filho e pai. Sua honra estava restituída.

4. SIMÃO BOTELHO AO CONHECER TERESA DE ALBUQUERQUE

A paixão fez com que Simão mudasse sua personalidade, mas não mudou sua obstinação de seguir ao pé da letra o segmento das normas hegemónicas da masculinidade. Bem como Simão não faz mas que respeitar as regras sociais típicas do *honor group*, ao ficar apaixonado pela moça Teresa, sabendo que é um amor proibido, encontra-se numa situação muito difícil. Por uma parte, se não se tomasse a rivalidade de seus pais, o amor deles seria ideal e também idílico, “amava Simão uma sua vizinha, menina de quinze anos, rica herdeira, regularmente bonita e bem nascida” (pp. 37-38). Teresa e Simão são candidatos ideais um para ou outro, preenchem todos os requisitos na sociedade portuguesa do século XIX.

No início dessa paixão tudo vai bem, mas Simão continuamente enfrenta-se com o problema de fazer o que é melhor para sua relação ou exercer sua dominância como homem. Por exemplo, quando Simão está para voltar para Coimbra, tentando despedir-se de Teresa, ela é arrancada pela janela por seu pai, que descobre a relação. Sua reação foi a seguinte “Subiu-lhe o sangue à cabeça; contorceu-se no seu quarto como o tigre contra as grades inflexíveis da jaula. Teve tentações de se matar, na impotência de socorrê-la.” (pp. 39-40). Esteve atuando como se fosse um menino gentil, mudado pelo amor que lhe tinha à Teresa, mas na verdade ele continuava sendo um animal indomável e agressivo. Uma mulher não pode trocar sua personalidade em seu interior, e ele ainda tem a obrigação de seguir as regras se deseja pertencer ao *honor group*, mas ele agora encontra-se com um predicamento, porque está apaixonado por uma mulher proibida. “Simão y Teresa deberán, en efecto, elegir entre dos contarios: la pasión y el orden, entre lo que los define como individuos y lo que los incluye en sociedad” (ÁLVAREZ, 1996, p. 162).

O plano original dos namorados era que Simão iria formar-se e Teresa iria esperar que seu pai falecesse para logo eles se casarem, desta maneira, poderia ter mantido a honra de Tadeu e de Simão. Poderia ter funcionado se não fosse pela insistência de Tadeu de casar a Teresa com seu primo Baltasar Coutinho. Seria uma solução para Tadeu já que poderia manter a honra de sua casa e deter o “capricho” de ser esposa de Simão. E assim estaria tranquilo, já que Teresa estaria com um homem que ele aprova. Porém, é normal a oposição de Tadeu, já que está defendendo sua honra. De acordo com Andrea Cornwall, “a man may be labelled ‘dishonourable’, or femininized as ‘soft’ or ‘weak’, when a daughter elopes and ‘is stolen’ by another man; when he is forced to arrange a marriage for a daughter against his wishes” (CORNWALL, 1994, p. 85). Então isso estaria em completo desacordo com o modelo de masculinidade hegemónica que tenta emular Tadeu.

Tadeu ofereceu duas opções a sua filha, casar-se com seu primo Baltasar Coutinho ou ir para um convento. É neste ponto que o destino de Simão e Baltasar se põe-se em contraposição. Como disse George L. Mosse, no século XIXIII até o início do século XIX, as condições estiveram presentes para o começo da masculinidade moderna e sua dominância. Simão e Baltazar ao tentar manter sua posição no *honor group*, cada um tentando preencher o modelo da masculinidade ideal, não tinham opção mas que lutar um com o outro. Como diz Mosse, nessa época “men attempted to attain its standards through steeling their bodies, passing the test of war, defending their honor, and molding their character accordingly.” (1996, p. 76) E os dois tinham que defender sua honra, levando em conta que para continuar sendo considerado “homem” nessa sociedade, Simão tinha que defender seu amor professado a Teresa, mas de maneira legitimada pela sociedade. Tecnicamente poderia ter recusado as regras sociais. Uma solução para ser feliz seria ter fugido com Teresa antes do desenvolvimento de sua tragédia, ou também ter tido cabeça fria, não sendo teimoso.

5. SIMÃO BOTELHO E SEU RIVAL BALTASAR

Quando o primo de Teresa Baltasar se coloca entre os dois, querendo casar-se com ela, Simão termina matando-o. Este é o ponto decisivo o qual seu amor e as possibilidades de que verdadeiramente floresça, morre. Ele foge, mas volta por questões da honra. “Este homicidio público, voluntario y consciente cerrará definitivamente la puerta del convento para ella y la de la prisión para él. Nunca más volverán a verse” (ÁLVAREZ, 1996, p. 163).

Mas antes de que aconteça tudo isso, Simão e Baltasar já tinham tido uma pequena disputa. Foi na festa de aniversário de Teresa, fora de sua casa, quando, devido ao *reflexive honor*, Baltasar sentiu-se atacado pela presença de um homem, que era Simão disfarçado. Então tiveram que lutar pelas regras de

honra. Entretanto, como Simão fugiu, e em teoria ninguém sabia quem era, ficou livre e vivo, ainda que com uma ferida. Os homens de Baltasar morreram nas mãos de Simão porque eles podiam reconhecer-lhe e isso seria um escândalo. Então, aqui empelou Simão a regra da honra para salvar sua reputação a todo custo, sem pensar nas repercussões que poderia ter com Teresa e sem tomar em conta que converteu-se em assassino, e foi contra outras leis sociais. Aqui é quando se pode questionar as verdadeiras prioridades de Simão, e o que é mais importante: sua honra ou estar com Teresa.

Como é sua culpa, Simão tem que responder as consequências. Ele podia ir embora, ou possivelmente sair e roubar Teresa e viver felizes para sempre, mas não é correto de acordo ao código da honra que tem que seguir. Então enfrenta-se a força, mas seu pai salva-o, e termina com 10 anos de exílio. Um final feliz num mundo paralelo seria que Teresa saísse do convento e fugisse com ele para a Índia. Porém, isso não acontece, podendo ser pela questão da honra, ela tem que ficar no seu clausuro porque seu pai diz que era a única alternativa, já que não quis casar-se. E Simão resigna-se ao seu futuro porque é o que faria um homem com honra

Por eso los románticos portugueses y españoles no pueden ser ajenos a la tradición trágica peninsular y cristiana, que había configurado al héroe como único responsable de sus faltas, disponiendo de libre albedrío para sembrar el camino de constantes elecciones que es la vida de aciertos o equivocaciones (p. 161).

Juntamente com isso, pode-se aplicar o que diz Michael Kimmel “Masculinity is not, however the experience of power, it is the experience of *entitlement to power*” (KIMMEL, 1995, p. 229). Por exemplo, a razão pela qual Baltasar enfrenta Simão é porque ele acha que vai ter Teresa. Entretanto, isso é o que se chama de um pensamento de direito de tê-la. Isso também se chama “Inner Prince” porque é como quando o homem desde pequeno sabe que vai

casar-se com uma menina específica. Ninguém tem poder de escolher, mas como dizem que ela foi feita para ele, já tem o sentido de direito sobre ela (pp. 229-30).

“Consideremos, sin embargo, que sí hay opciones responsables en la novela Camiliana: el héroe moderno es el que actúa conscientemente y, por lo mismo está sujeto al peligro de equivocarse y tener que responder después por su falta” (ÁLVAREZ, 1996, p. 162). O problema de Simão é que preferiu defender sua honra, e manter-se como “homem” diante de toda a sociedade do que seguir o que seu coração dizia. Além de que tinha outra questão da honra mais importante, a promessa de amor à Teresa, que toma o segundo plano ante ao *group honor*, tinha que defender o que era mais importante para ele.

6. DOMINGOS BOTELHO: PRIMEIRO HOMEM, DEPOIS PAI

Os pais Tadeu de Albuquerque e Domingos Botelho estão numa luta de poder e dominância um com o outro. São os dois homens alfa que querem reger e mostrar sua dominância ante todos, mesmo que seus filhos sofram. O romance começa descrevendo a Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, melhor conhecido como Domingos Botelho, pai do protagonista Simão de Botelho, como “extremadamente feio” (BRANCO, 1876, p. 9). Branco apresenta Domingo como um fracassado pouco digno de sobressair na vida, não tinha esperança de conseguir as metas típicas para um homem nessa época, como, por exemplo, obter uma carreira, uma esposa, e o respeito dos outros homens “Para se inculcar como partido conveniente para uma filha segunda, faltavam-lhe bens de fortuna: os haveres dele não excediam a trinta mil cruzados em propriedades no Douro.” (p. 9). Além de ser pobre, não tinha trabalho sustentável, trabalhava como flautista. Não era fisicamente engraçado e também não era respeitado por seus “amigos.” Isso é evidente pela maneira como o chamavam, pelo epíteto “Brocas” que diz o romance ser derivado de “broa.” (p. 9). Este nome é interessante porque, além de explicar que os

companheiros chamavam Branco deste apelido, Domingos vinha duma terra onde se come muita “broa” ou pão de milho. Todavia, outra interpretação para essa palavra é ser uma “mulher gorda,” assim atacando não somente sua aparência física mas também sua masculinidade. Sem importar com isso, aproveitou seu talento para tocar flauta, chamando a atenção da raíinha com quem em turno ajudou-lhe a conquistar a D. Rita. Domingos logra subir de classe social e mudar sua posição de *vertical honor* ao converter-se em corregedor.

Este cargo forma parte imutável de sua honra que não atreve-se a perder, mesmo que seja para salvar a vida de seu filho. O melhor exemplo disso é quando Simão está na cadeia, esperando morrer na forca. Simão não tenta fazer nada para melhorar sua situação, aceita seu destino porque é “digno” a seu parecer. E ao ver essa situação, Domingos também não tenta fazer nada, fica obstinado porque seu filho não pede para ele, e ao mesmo tempo pode tomar-se como fraqueza tentar intervir, coisa que poderia fazer com que Domingos fosse malvisto por outros do seu mesmo *honor group*. Finalmente, não é sua mulher, suas filhas, nem o amor por seu próprio filho o que muda a mente de Domingos. A grande razão pela qual ele decide ajudar a Simão é porque tem que cumprir com o desejo e um homem mais velho do que ele. Ao interceder o tio-avô António da Vegia de oitenta e três anos, pede-lhe que ajude Simão a evadir legalmente a forca. Egoistamente, os dois homens fazem estas coisas, (o pedido e o cumprimento de salvar a Simão) para beneficiarem-se de maneira que podem manter sua honra. Devem aderir-se às normas da masculinidade socialmente estabelecidas. O tio-avô ao estar tão perto da morte, quer assegurar que será recordado dignamente “Isto nem já é vida; mas foi-o, e honrada, e sem mancha até agora, e já agora há de assim acabar; meus olhos não hão de ver a desonra de sua família” (p. 85). Ele ameaça suicidar-se em frente ao corregedor se não promete manter o nome da família limpo, e ao não querer outra desgraça mais, Domingos acede aos pedidos do velho.

7. TADEU DE ALBUQUERQUE

Tadeu e Domingos, apesar de serem rivais, são muito parecidos. Pertencem ao mesmo *honor group*, aspiram a cumprir com os ideais da masculinidade hegemónica de Portugal do século XIX, e são rígidos com seus filhos, até o ponto que indiretamente os matam. No caso de Tadeu, enviar Teresa ao convento finalmente torna-se uma sentença de morte. Ela fica doente pelo amor frustrado que tem de Simão e indiretamente pelas condições do convento. No momento em que Teresa descobre que Simão vai morrer na forca, ela perde toda a vontade de viver e começa a morrer. Seu pai Tadeu de Albuquerque mostra-se quase satisfeito porque se ela morrer, mesmo que ele fique “triste” pela morte de sua filha, como deve ditar a sociedade, o primeiro pensamento que passa por sua mente é que ficaria aliviado, já que Teresa não poderia estragar o nome familiar e conservariam a reputação dos Albuquerque intacta. Suas palavras diretas são “Que a não desejava morta; mas, se Deus a levasse, morreria mais tranquilo, e com a sua honra sem mancha” (p. 91). A palavra de Tadeu é o que importa para ele, e em extensão para seus contemporâneos. Ele falou que ela iria casar-se com Baltazar ou estaria num convento, e assim o fez. “Being a man is something that becomes ‘visible’ mostly at the level of discourse and at the level of discourse as practice” (ALMEIDA, 1996, p. 4). Tadeu falou e cumpriu, assim acertando sua masculinidade. Este mesmo pensamento de manter a linhagem da família sem escândalos é o que fez com que o pai de Simão finalmente mudasse seu pensamento de ficar rígido com seu filho, tentando salvar sua vida. É somente assim que ele entra em razão, pelo pedido de seu tio que quer morrer sem ter uma mancha no nome da família.

Ironicamente, assim a palavra de um homem pode tanto combinar a masculinidade como injuriar o conceito que tem um homem dele mesmo. Tadeu recebeu a injúria mais forte à sua masculinidade estabelecida de um desembargador amigo de D. Rita Preciosa que diz para Tadeu que é irônico que ele estivesse tão contrário ao amor de Simão e Teresa se o jovem era

exatamente o que o pai queria para sua filha. Simão vem de uma linhagem distinguida, sua mãe esteve ao lado da rainha e seu pai “tem do melhor sangue de Trás-os-Montes” que tem tanto peso social como os Albuquerque de Viseu, e continua até ferir o ego de Tadeu ao sugerir que os “*Albuquerque terríveis* de que reza Luís de Camões...” (BRANCO, ANO, p. 99). Não há pior insulto que desacreditar a linhagem de um homem do século XIX.

8. SIMÃO BOTELHO E JOÃO DA CRUZ

Tem-se falado de homens de classe alta, cabe destacar que os homens de classe baixa também aspiram a cumprir com os padrões da masculinidade hegemónica. João da Cruz é o pai de Mariana, a segunda menina que se apaixona por Simão, mas que Simão não pode amar porque seu coração pertence a Teresa. Quando primeiramente se descreve João da Cruz, o narrador começa chamar Simão não por seu nome, mas por “o académico” possivelmente para enfatizar a distinção da classe socioeconómica entre os dois. Também entre detalhes enfatiza o físico forte do ferrador João de Cruz, “-Ora meu fidalgo- continuou ele, descendo as mangas arregaçadas da camisa, e apertando-as com dificuldade nos grossos pulsos, como quem sabe as etiquetas das mangas-” (p. 32). Aqui o narrador fez, além da distinção já mencionada, também o uso de “fidalgo” para enfatizar ainda mais o alto nível social de Simão em comparação a humildade de João da Cruz. Há uma distinção enorme entre os dois homens, em idade, criação, estado económico, social, familiar, e mais, porém os dois seguem um código social de masculinidade. João da Cruz tem uma dívida pessoal com Domingos Botelho e por isso vai cuidar de Simão e deixar que ele fique em sua casa. Mas sua lealdade aos Botelhos estende-se mais que isso, conta-lhe que Baltazar pediu para ele matar Simão há seis meses. Essa confiança é parte de seu código da honra. Parece que João da Cruz é todo um cavaleiro. Isso se deve a sua noção de masculinidade de acordo a Mosse “the Romantic

revival of the early nineteenth century strengthened the concept of chivalry (MOSSE, 1996 p. 18).

De acordo ao sociólogo Michael Kimmel, a honra é um conceito antiquíssimo, fala de como no século dezanove os brancos do sul dos Estados Unidos chamavam o “honor” e no início do século vinte era “reputation,” os negros nos Estados Unidos chamavam-o “respect” nos anos 50 e agora chamam-o não “disrespect” ou “diss”. Então, este código masculino sempre tem sido o mesmo, somente muda de nome. E a base disso sempre é a mesma

violence, or the threat of violence, is a main element of the Guy Code: Its use, legitimacy, and effectiveness are all well understood by most adolescent guys. They use violence when necessary to test and prove their manhood, and when others don't measure up, they make them pay.” (KIMMEL, 2005 p. 56).

João da Cruz diz que não matou pela dívida com Domingos e também porque não é “matador de ofício” mas logo mata dois homens para salvar a vida de Simão. (BRANCO, 1876, p. 33). E quando Simão mata Baltazar é também pelo mesmo “Guy Code.” A reação do pai é uma coisa quase incrível, quando a mãe D. Rita pergunta para ele se vai a casa do juiz para ver seu filho, ele responde “Eu não sou pai: sou corregedor. Não me incumbe a mim interroga-lo” (p. 77). Mas como já foi mencionado, no final Domingos salvou a Simão da força (mas não da cadeia nem do degredo).

João da Cruz sente obrigação com Domingos Botelho mas, na verdade, é somente pela dívida que tem com ele. Fala que se não tivesse disparado aquele carregador, não lhe importaria se Simão vivesse ou morresse (p. 111). Aqui demonstra-se que, além de ser muito hospedável, João da Cruz somente o fez pela obrigação dos códigos da masculinidade. No final, a vida de João da Cruz é extinguida pelos mesmos códigos de masculinidade, como ele matou a um homem, Bento Machado, o filho dele se vingando matando João da Cruz.

9. SIMÃO BOTELHO DEPOIS DE CONHECER MARIANA

Novamente a honra toma um lugar importante na relação entre Mariana e Simão.

Simão ao dizer a Teresa que a ama, deu sua garantia, e por tanto, sua honra e reputação dependem desse cumprimento e aderência a sua palavra. Não pode retratar-se, ainda sim não a amava mais.

the notion that honor is a right, fits the pledge of honor perfectly: I pledge my right, and if I fail in my obligation, I lose my right” e pode dizer-se que sim ele fosse a quebrar seu “pledge” então “people know that I have failed to keep my promise, so that my reputation has already suffered (HENDERSON, 1994, p. 95).

Então, sem importar o quanto Mariana amava Simão, ele nunca ia poder dedicar o mesmo carinho porque seu coração e sua palavra pertenciam à Teresa. Isso é tao forte quanto sua perseverança em manter sua honra. Segundo a teoria da honra, também Mariana sabia que não poderia fazer nada para mudar a situação e conforma-se com ser sua amiga, seguindo-o até a morte. Como analisa David Frier:

[...] but her presence in the novel alongside Teresa’s provide us with the two images of women which were to recur in much of the author’s fiction: the *mulher-anjo* (in this case Mariana) and the *mulher fatal* (Teresa as the woman whose obsessive presence in his life eventually leads him to his doom) ” e continua a dizer que ainda algumas feministas digam que é uma estrutura maniqueísta, outros argumentam que “this level of devotion is surely undeserved by a tempestuous and ultimately irresponsible lover such as Simão (FRIER, pp. 124-125).

Mariana dá seu dinheiro reservado para o casamento à Simão, dizendo que é dinheiro que enviou sua mãe. Isso é uma maneira de poder ajudá-lo mas, ao mesmo tempo, de que não perca sua honra como homem. Simão não poderia receber ajuda de ninguém, mas como João de Cruz tem uma dívida com o pai de

Simão, então pode justificar-se. No final, depois de Teresa morrer, Simão, se não fosse obstinado, e já que tinha perdido sua honra, sendo exiliado à Índia, poderia ter tido uma vida feliz ao lado de Mariana, mas morreu. A causa da morte no livro é questionável porque Simão de tanta dor e cegueira em relação as possibilidades poderia ter percebido que tinha uma nova oportunidade, mas como foi vencido por um “amor de perdição” se dá por vencido e deixa-se morrer. Por fim, ele termina sua vida morrendo pela honra, já que “morreu por amor”.

Entretanto, Simão poderia ter tido uma vida muito diferente ou pelo menos uma vida depois da morte de Teresa, se tivesse dado uma oportunidade à Mariana. Já sabendo que vai para o degredo “as máximas alegrias que podiam baixar do Céu” (BRANCO, 1876, p. 103) a Simão era voltar a se corresponder com Teresa e estaurar-se o juízo de Mariana. Além de estar contente, é quase cruel que Simão fale a João das possibilidades/impossibilidades de ele casar-se com Mariana. Já quase ao final do romance, Simão lançando-se aos braços do ferrador lhe diz “Pudesse eu ser o marido de sua filha, meu nobre amigo!” (p. 104)

Simão sabendo bem que Mariana esta apaixonada por ele, que ela é a mulher com quem mais tempo tem passado, tem contato físico com ela. É Mariana quem cuidou de Simão quando ficou ferido, quem lhe deu dinheiro visto que sabia que seus pais não iam prover para ele. Foi Mariana quem foi para a cadeia para cuidar dele até o final, foi em degredo com ele. Ela ia por uma loja para sustentar-se e poder ficar com Simão mesmo que fosse como uma irmã para sempre. Mas sua rigidez aos códigos da masculinidade impediram-lhe de tomar esse caminho.

10. CONCLUSÃO

Em suma, pode-se dizer que o “amor de perdição” estava predestinado desde o início do romance devido à obstinada e invariável natureza dos personagens em tentar alcançar o ideal da masculinidade hegemônica portuguesa do século XIX. No fim é Simão quem mais acerca-se a essa imagem, custando-lhe tudo. Todos os personagens masculinos seguem normas estritas que fazem que suas vidas sejam infelizes. Domingo Botelhos é tão obstinado que não deixa viver a Simão como quer felizmente com Teresa, até o ponto que quase perde seu filho à força. O mesmo se pode dizer de Tadeu, quem prefere que ela morra num convento ao casar-se com um homem em frente de seus olhos, alguém de classe social mais baixa. Baltazar perde sua vida a causa da defesa da sua honra. João da Cruz no final também perde sua vida por um ajuste à honra masculina e também perde sua filha indiretamente devido a obstinação de Simão em seguir seu código. Se Simão tivesse aceito viver depois da morte de Teresa poderia ter feito uma vida com Mariana. Porém, lamentavelmente, todos os homens em *Amor de Perdição* tem o conceito de *group honor* mais enaltecido que o valor de suas próprias vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *The Hegemonic Male : Masculinity in a Portuguese Town*. New York: Berghahn Books, 1996.
- ÁLVAREZ SELLERS, María. Romanticismo y tragedia: Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco. *Salina: Revista de La Facultat de Lletres de Tarragona*, Tarragona, p. 161-168, 1996.
- BARCELLOS, José Carlos. Masculinidade e Modernidade em Camilo Castelo Branco. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 16, p.54-72, 2009.
- BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição*. Porto: Livraria Moré, 1876.
- BOWMAN, James. *Honor: A History*. New York: Encounter Books, 2006.
- CORNWALL, Andrea; LINDISFARNE, Nancy. *Dislocating Masculinity: Comparative Ethnographies*. London: Routledge, 1994.

FRIER, David. *A Companion to Portuguese Literature: The Transition from Romanticism to Realism: Alexandre Herculano, Camilo Castel Branco and Júlio Dinis*. Woodbridge Uk: Temesis, 2008.

HENDERSON STEWART, Frank Henderson. *Honor*. Chicago: University of Chicago P., 1994.

KIMMEL, Michael. *The Gender of Desire: Essays on Male Sexuality*. Albany: State of New York P., 2005.

MOSSE, GEORGE L. *The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity*. New York: Oxford U P., 1996.

ROHDEN, Fabíola. Para que Serve o Conceito de Honra, ainda hoje. *Campos*, Curitiba, v. 2, n. 7, p.101-120, 2006.

Recebido em 26/07/2018.

Aceito em 17/09/2018.